A ÁGUA DEVE SER TRATADA COMO UM BEM ESTRATÉGICO

LINEU NEIVA RODRIGUES

PESQUISADOR E SUPERVISOR DO NÚCLEO DE ARTICULAÇÃO INTERNACIONAL (NAI) DA EMBRAPA CERRADOS

POR PAULO ROQUE

Considerado uma das maiores autoridades em recursos hídricos do País, na opinião de Lineu Neiva Rodrigues, "a crise de água não é consequência apenas de fatores climáticos; é também um problema de gestão e planejamento". É membro suplente do Fórum Permanente de Desenvolvimento da Agricultura Irrigada, membro titular do Comitê Gestor do Portfólio de Projetos em Mudanças Climáticas da Embrapa, representante do Brasil na Plataforma de Recursos Hídricos e Tecnologia de Irrigação do Programa de Cooperação para o Desenvolvimento Tecnológico Agroalimentar e Agroindustrial do Cone Sul (PROCISUR), conselheiro titular, representando o Ministério da Agricultura, do Conselho Nacional de Recursos Hídricos (CNRH) e coordenador da Rede AgroHidro, criada pela Embrapa em parceria com várias entidades e instituições, com o objetivo de estudar a água na atividade agropecuária.

AGROANALYSIS: JÁ ESTAMOS EM PERÍODO DE ENTRESSAFRA. TEMOS AMEAÇA DE CRISE HÍDRICA?

LINEU NEIVA RODRIGUES: Não em nível nacional. Poderá ocorrer baixa disponibilidade hídrica em algumas regiões do Brasil. Alguns centros urbanos, como São Paulo, sentirão o problema de maneira mais forte. É conveniente ressaltar que não é correto generalizar essa situação para todo o País e muito menos colocar a área rural, mais especificamente a agricultura, no centro do debate e como a "culpada" pela situação. O impacto dessa baixa disponibilidade hídrica na agricultura será pequeno, como é destacado no trabalho feito pela Conab (Companhia Nacional de Abastecimento), pela Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), pelo INMET (Instituto Nacional de Meteorologia) e pela ANA



(Agência Nacional de Águas), que indica que haverá impacto reduzido da crise hídrica nos resultados da safra 2014/15 dos principais grãos.

NEM TODA ÁGUA EXISTENTE NO MUNDO ESTÁ DISPONÍVEL PARA PRONTO USO?

LNR: É verdade. Estima-se que cerca de 70% da superfície terrestre sejam cobertos com água e que o volume de água existente seja em torno de 1.386.000.000 km³. Esta quantidade de água é praticamente constante. Ou seja, em escala global, esta quantidade de água não varia com o tempo. Infelizmente, nem toda esta água está prontamente disponível para uso. Os oceanos concentram 97,5% da água existente no Planeta. Da porção referente à água doce – os 2,5% restantes –, 76,8% estão nas calotas polares e geleiras, 22,7% são água subterrânea e o 0,5% restante vem de outras fontes, incluindo 3,5% dos rios. Essa quantidade, entretanto, é suficiente para atender as múltiplas demandas hídricas da sociedade.

NO BRASIL ISSO TAMBÉM ACONTECE?

LNR: Sim. De maneira geral, isso ocorre em todas as regiões. Dessa água considerada mais "fácil" de ser utilizada, constituída pelas águas superficiais, o Brasil detém cerca de 12% das reservas mundiais. O problema com este número é que ele pode conduzir, de maneira equivocada, a uma análise simplista de que o Brasil é um país privilegiado em termos de disponibilidade hídrica. Esta afirmativa, entretanto, é relativa, pois depende da região analisada, uma vez que a distribuição geográfica destes recursos no País é bastante irregular.



SE A QUANTIDADE DE ÁGUA NA TERRA É CONSTANTE, POR QUE HÁ CONFLITOS?

LNR: A quantidade de água é constante em escala global, mas localmente é muito variável. A água existente na Terra está sempre em movimento. A maior parte movimenta-se muito lentamente, mas a porção que está mais disponível para o nosso uso, as águas superficiais, tem variações significativas em períodos de tempo curtos – dias, semanas ou meses. Outro aspecto importante a ser destacado é que, na maior parte das regiões, as demandas são crescentes. Os conflitos surgem sempre que a demanda é maior do que a oferta, a gestão não é adequada e os usos prioritários não estão bem definidos na bacia hidrográfica. Para compreender a dinâmica da água, é muito mais interessante analisar o seu comportamento nos seus diferentes compartimentos (solo, atmosfera etc.), pois dessa forma é possível incluir o ciclo hidrológico na análise, trazendo uma visão de renovação da água, e não de aumento da sua quantidade.

> “OS CONFLITOS SURGEM SEMPRE QUE A DEMANDA É MAIOR DO QUE A OFERTA, A GESTÃO NÃO É ADEQUADA E OS USOS PRIORITÁRIOS NÃO ESTÃO BEM DEFINIDOS NA BACIA HIDROGRÁFICA.”

A AGRICULTURA IRRIGADA CRESCERÁ AQUI E NO RESTANTE DO MUNDO?

LNR: A humanidade pode viver sem muitas das coisas que temos hoje, mas não pode viver sem água e alimento. O desafio é produzir alimentos de forma sustentável e em quantidade suficiente, em um mundo cada vez mais complexo, com uma população que, em 2050, estará em torno de 9,1 bilhões de pessoas, demandando alimentos cada vez mais diferenciados e de melhor qualidade. Nesse contexto, a irrigação desempenhará um papel cada vez mais estratégico. Ela altera a forma como o solo é utilizado, possibilitando o seu uso durante todo o ano, trazendo benefícios econômicos, sociais e ambientais e, ainda, a possibilidade de uma produção sustentável de alimentos.

Até recentemente, a área potencial para irrigação no Brasil era de 30 milhões de hectares. Novo estudo publicado pela Secretaria Nacional de Irrigação (SENIR), entretanto, atualizou este número e apresentou novo valor, da ordem de 61 milhões de hectares – o equivalente a dez vezes o tamanho da área irrigada atualmente. Estudos como este são importantes para orientar as políticas públicas voltadas para o setor, fazendo-se necessário planejar e ter planos efetivos, além de fortalecer o setor privado, incentivar as indústrias de equipamento e capacitar produtores.

ESTAMOS PREPARADOS PARA ENFRENTAR ESSE CENÁRIO?

LNR: Ainda não estamos preparados. Entretanto, temos todas as ferramentas e o conhecimento necessário para fazer esse crescimento de maneira ordenada e sustentável. Para enfrentar esse desafio, precisamos de governança, envolver e integrar os diversos setores. São importantes uma atuação em conjunto e uma visão estratégica por parte das instituições públicas e privadas. É fundamental que as ações sejam complementares e que não ocorram sobreposições. Não podemos esperar para reagir aos acontecimentos; temos que estar preparados para responder aos diferentes cenários.

A EMBRAPA ESTÁ PREPARADA PARA FORNECER CONHECIMENTOS TÉCNICOS PARA OS TOMADORES DE DECISÃO?

LNR: Sim. A Embrapa e suas parceiras têm todas as condições e ferramentas para subsidiar os tomadores de decisão em um cenário de crescimento da agricultura irrigada. Já existem muita tecnologia e estudos desenvolvidos que ainda não foram utilizados. É importante, entretanto, ter-se em mente que a agricultura irrigada é muito mais intensiva, em termos de uso dos recursos, do que a agricultura de sequeiro. As tomadas de decisão têm que ser baseadas em critérios técnicos. É necessário desenvolver programas diferenciados de treinamento e capacitação.

Em relação à agricultura irrigada, ainda existem muitas lacunas científicas e tecnológicas e carência de dados. A Embrapa precisa continuar inovando, buscando soluções tecnológicas que contribuam para o uso eficiente da água. Temos que utilizar melhor tecnologias como o sensoriamento remoto e atentar para novidades, como, por exemplo, a irrigação de precisão. Não se trata apenas de aumentar a área irrigada, mas também de criar condições para o seu desenvolvimento sustentável.

PARA NÃO HAVER CRISE, SÃO INDISPENSÁVEIS PLANEJAMENTO E GESTÃO NOS RECURSOS HÍDRICOS?

LNR: A água é de grande importância para todos os setores da sociedade, e atender todos os usos e usuários requer um intenso trabalho de planejamento e gestão dos recursos hídricos. Não deveria haver crise hídrica em um país onde as precipitações variam de 300 mm a 3.400 mm por ano e os recursos hídricos ainda são muito pouco utilizados. A crise de água não é consequência apenas de fatores climáticos; é também um problema de gestão e planejamento. Devemos tratar a água como um bem estratégico para o Brasil, definindo prioridades de uso, levando em consideração as necessidades básicas e as especificidades de cada região. A gestão dos recursos hídricos é fundamental para que os demais setores tenham segurança hídrica. Não se deve perder de vista a eficiência de uso da água nas diversas atividades. Para que a gestão da água não se torne gestão de conflitos, é importante utilizar os conhecimentos técnicos e científicos para subsidiar os tomadores de decisão.

> “EM RELAÇÃO À AGRICULTURA IRRIGADA, AINDA EXISTEM MUITAS LACUNAS CIENTÍFICAS E TECNOLÓGICAS E CARÊNCIA DE DADOS.”

EXISTE UM PLANO EMERGENCIAL PARA UMA SITUAÇÃO DE EXTREMA ESCASSEZ DE ÁGUA NO PAÍS?

LNR: Infelizmente, não. Falta um planejamento com metas claras que traga uma visão de curto, médio e longo prazos para o País. É preciso integrar a Política Nacional de Recursos Hídricos (PNRH) com as demais políticas públicas e definir as prioridades de uso da água, levando-se em consideração as necessidades básicas do País e as especificidades de cada região. Em situações de extrema escassez, é importante que todas as possíveis soluções sejam consideradas e analisadas. As mais factíveis devem ser apresentadas e pactuadas com os usuários. O setor agrícola não pode ser apenas reativo aos acontecimentos. A comunicação precisa ser melhorada. É importante entender como o tema água na agricultura é realmente percebido pela sociedade, qual é o papel da mídia e qual é sua real importância nesse debate. Precisamos criar métricas que possibilitem identificar ineficiências dentro dos próprios setores. É mais efetivo comparar o setor com ele mesmo do que fazer comparações entre setores. ■